

Jung & Corpo

Revista do curso de Psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais.

ANO VI - no.6 - 2006.

ISSN 1676-0387

A FE EM IEMANJA DO PONTODE VISTA PSICOLÓGICO O Resgate dos Valores Femininos na Religiosidade Brasileira¹

Estela Noronha²

Introdução

Meu interesse em pesquisa sobre Iemanjá começou com as minhas idas à praia durante o Reveillon. O primeiro fato que chamou a minha atenção foi o número de pessoas que de alguma forma, reverenciavam a Rainha do Mar. Tinha ciência da impossibilidade de que todas aquelas pessoas, presentes na praia, pertencerem às religiões afro-brasileiras. Sabia também, antes mesmo de aprofundar-me no assunto que, apesar de o Brasil ser um país muito sincrético e haver uma tolerância religiosa maior do que em muitos países, este é um país católico. A grande pergunta que ficou, a partir destas observações foi: o que estaria levando todos aqueles indivíduos, mesmo não sendo umbandistas ou candomblecistas ou de qualquer outra religião de raiz africana, a cultuarem Iemanjá.

Revolvi investigar com mais profundidade o que observara naquele momento e a pensar com mais acuidade em qual seria o objeto das inquietações em mim despertado.

O objetivo deste trabalho foi demonstrar as causas sócio antropológicas e psicológicas que levam os indivíduos não pertencentes às religiões afro-brasileiras a cultuarem Iemanjá.

¹ Este artigo é uma síntese do quarto capítulo da dissertação de mestrado em Ciência da Religião, da PUC-SP, intitulado *Tenha fé, tenha confiança, Iemanjá é uma esperança*, de autoria de Estela NORONHA.

² Formada em letras e psicologia. Especialização em Psicoterapia Junguiana Coligada a Técnicas Corporais pelo Instituto Sedes Sapientiae e Terapia de Casal e Família pela SBPA (em andamento). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP

E-mail: estelapsico@terra.com.br

Quem é Iemanjá?

Iemanjá é o orixá dos Ebás, na África, uma nação iorubá que, a princípio, estava estabelecida na região entre Ifé e Ibadan, onde existia ainda o rio Yemonjá. Devido às constantes guerras entre nações, os Ebás, no início do século XIX, imigraram para o oeste, mais precisamente para Abeokutá e demais povoações ao longo do rio Ogum, que passou a ser sua nova morada.

Segundo Unterste, ela é filha da união de Obatalá, o céu, e Odudua, a terra, do qual nasceram o Aganju, o firmamento, e Iemanjá, as águas. Os pais de Iemanjá representam o uroboros original, símbolo da totalidade globalizante do inconsciente. Portanto, ela é considerada uma das mães primordiais, presentes em muitos mitos que falam da criação do mundo, como senhora das grandes águas, doces na África ou salgadas, como no Brasil e em Cuba. Divindade muito antiga, deusa das águas primevas que são, conforme explicou Mircea Eliade, matrizes de todas as possibilidades da existência. Mãe dos orixás e dos homens é a senhora das origens, mãe de todas as potencialidades. Iemanjá também é considerada aquela que governa as cabeças humanas. E dela a responsabilidade de trazer a consciência, o equilíbrio emocional e a personalidade aos humanos.

Ao ser trazida para o Brasil durante o período da escravidão Iemanjá é relida e reinterpretada na diáspora. Aqui se tornou um importante símbolo religioso e o mais importante orixá feminino. Além de ser amplamente cultuada, é também sincretizada, principalmente, com as Nossas Senhoras Aparecia e Conceição. Hoje em dia, a admiração por Iemanjá ultrapassa os limites dos centros e terreiros e ganha admiradores por todo o Brasil. Dentre aqueles que não pertencem às religiões afro-brasileiras, apontado pela pesquisa, 93,33% professaram ser católico. Entrevistados estes, de devoção popular e que projetam em Iemanjá a figura de “quase” uma Santa, colocando-a, paulatinamente, dentro do panteão dos Santos Católicos.

Mas, por que Iemanjá estaria ganhando tamanha projeção entre aqueles que não pertencem às religiões afro-brasileiras? Do ponto de vista psicológico, a pesquisa de campo apontou três horizontes.

- A importância da retomada dos valores femininos e da fé coligada e respaldada pelos sentimentos, suprimidos pela religiosidade patriarcal.
- Iemanjá com exemplo importante de alma positiva para o homem.
- Iemanjá como exemplo de feminino forte e atualizado para as mulheres.

O feminino anímico e o seu papel na religião

Na pós-modernidade, a vivência simbólica do desenvolvimento da consciência passa necessariamente pelo resgate do princípio feminino nas religiões. Símbolos e imagens simbólicas femininas estão cada vez mais presentes no imaginário religioso. Como sabemos, o símbolo é por excelência um mecanismo transformador de energia, sempre associado a algum tipo de emoção. Por exemplo, um fiel ao projetar um conteúdo de sua psique sobre a “sua” Santa, ele está, através deste mecanismo projetivo, canalizando energia para um novo dinamismo: força e estímulo para sobrepor um obstáculo ou assimilar um novo valor. Um símbolo religioso novo, que possa surgir na consciência humana, possui o papel de intermediar a vivência dos mistérios, possibilitando a ligação e a integração de conteúdos inconscientes. Pelo mito de origem, o indivíduo necessita “re-ligar-se” à sua matriz e ressignificar a sua existência. Por meio da vivência simbólica, o homem pode expandir a sua consciência e dar continuidade à sua evolução (Ramos, 2000).

Nos dias atuais, percebemos que os modelos religiosos mais tradicionais passam por rápidas transformações, impulsionados pela força de novas expressões arquetípicas. Assim, a figura da Grande Mãe, reprimida por séculos durante o patriarcado, reaparece nos cultos à Virgem Maria e a outras figuras religiosas femininas, como Iemanjá, nos movimentos ecológicos. Hoje, observamos que a revalorização de símbolos matriarcais na cultura ocidental aponta em direção a uma nova consciência, que chamamos de alteridade, em que a relação Eu-Outro passa a ocupar o seu centro. Observamos que quando uma nova manifestação arquetípica emerge seu simbolismo geralmente entra em conflito com os objetos ou as ideias já estabelecidas, que lutam para manter sua supremacia. Isso porque o processo de transformação simbólica fornece um instrumental imprescindível para a compreensão da evolução das imagens divinas e da consciência individual e coletiva (idem, *ibidem*).

Não podemos aprofundar a abordagem da experiência do inconsciente, nem a conexão do mesmo com a religião, sem nos familiarizarmos com a feminilidade interior (Hillman, 1984) esta portadora, entre outras coisas, do cultivo do Eros, do aperfeiçoamento do amor e da relação de sentimento com o mundo interior. Função esta, importante para a religiosidade atual, que através de suas figuras femininas e da revalorização dos seus aspectos anímicos, oxigena uma fé enfraquecida e desmistificada pela ciência racionalista e pelos valores exclusivamente masculinos. A alma dos indivíduos, nesta era vindoura, necessita de acalento e novos direcionamentos. Lembremos que as palavras que significam alma (psique e anima) são femininas na conotação e na origem. Portanto, o que necessitamos é um Eros entronizado ao lado do Logos, para possamos voltar a esperar um mundo em equilíbrio e uma religião que nos ajude a nos conectar com nossas imagens interiores, que, por sua vez, nos faz conectar com Deus, que para cada indivíduo tem uma forma e um sentido particular.

Mas, como este processo ocorre para os homens e para as mulheres?

Iemanjá para a psique masculina

A Anima, como aspecto da Grande Mãe, possui o caráter de transformação para Neumann e mutacional para Iwashita. Por sua vez, deriva da matriz do Grande Feminino. A Anima, com características dinâmicas, provocantes e de movimento, vai se contrapor à tendência conservadora do caráter elementar da Grande Mãe. Para um menino, a mãe ou a mulher responsável pela sua criação é normalmente a primeira portadora da figura de Anima, que tem a função de intermediar os conteúdos psíquicos entre o Ego e o Self. Caso isso não seja possível e o EU sucumbir ao naufrágio e retornar ao mar do inconsciente, psicologicamente não é a Anima a diretamente responsável, “mas a Grande Mãe, que exerce sua dominância sobre ela. Com efeito, atrás de Iemanjá, como Sereia do Mar, está sempre a Grande Mãe Iemanjá, com a qual se encontra fundida” (Iwashita, 1991).

Os arquétipos da Grande Mãe e da Anima são duas realidades que estão intimamente ligadas, e diferenciá-las nem sempre é uma tarefa fácil. Portanto, determinar o aspecto em Iemanjá que pertença à dimensão maternal ou à dimensão da figura da Anima, também não é tão fácil. No Brasil, o lado Anima deste orixá sofreu influências de certos traços de sua filha Oxum, deusa do amor sensual, erótico e da sedução, que deu a esta deusa de âmbito nacional, características típicas da Anima, que é o seu poder de atração ou de sedução. Salientamos, porém, que também Iemanjá possuía essas qualidades antes, pois é natural que as qualidades da filha já se encontrem, em certa medida, na mãe e apesar de serem ambas figuras diferentes, com concepção do materno diferente, mãe e filha são mulheres vaidosas, cada uma à sua maneira. A respeito do aspecto vaidoso e sedutor de Iemanjá, Iwashita descreve:

Um dos indícios da manifestação de Iemanjá como uma figura de Anima está no fato de que os seus presentes preferidos são pentes, espelhos, perfumes, sabonetes, fitas, cortes de tecidos e outros presentes agradáveis à mulher bonita e vaidosa (...). Outro símbolo ou objeto que exprime a dimensão sensual e erótica de Iemanjá, é o leque ou o abanador (...) objeto atrás do qual pode se esconder, e aparecer sempre de novo para trocar olhares de amor. (...). Mas, é o espelho que permite, antes de tudo, penetrar ou perceber a dimensão da Anima de Iemanjá (...). O espelho é pois atributo da Anima (...) uma espécie de espelho para o homem, refletindo seus pensamentos, desejos e emoções. A Anima como espelho representa papel importante para o homem, enquanto configuração interiorizada ou mulher real, ajudando-o a tomar consciência de fatos, dos quais não é consciente.

Mas, pode acontecer que esta função Anima, em vez de conduzir o homem a maior consciência ou a melhor conhecimento de si mesmo, não faça mais que devolver uma imagem lisonjeira e conduzi-lo algumas vezes também a se apiedar do seu destino. Estas duas ações da Anima aumentam o seu poder, o que não deixa de ser perigoso. (1991, p.312)

Apesar de Iemanjá trazer em si os aspectos positivos e negativos da Anima, Iwashita afirma que o caráter mutacional positivo dela não prepondera nem no mito, nem nos contos e nem nos ritos. Apoiase no fato de que nos contos brasileiros sobre a Deusa do Mar domina preponderantemente o aspecto negativo da sereia, diferentemente do que acontece no mito original africano, onde o aspecto negativo é pouco claro, pois há a predominância do aspecto maternal positivo de Iemanjá.

Discorre o autor, exemplificando, que a Iemanjá Sereia comporta em si as mesmas características das Ninfas e Sereias, retratadas, por exemplo, na mitologia grega. Ou seja, uma Anima ainda não diferenciada, pela sua forma física como sendo metade humana, metade animal, caracterizando um feminino ainda semi-humano e pouco consciente, que pode trazer à personalidade masculina traços vingativos, rancorosos e ressentidos. Ao mesmo tempo em que o seu caráter imprevisível, travesso e até maldoso representaria o outro lado de sua fascinante beleza e sedução, traduzindo o outro aspecto da Anima. Assim, a Iemanjá Sereia, semi-humana, primitiva e fatal, que se manifesta na psique brasileira, é aquela que psicologicamente é incapaz de transmitir ao consciente a mensagem libertadora do Si mesmo. Segundo Iwashita, não é sabido, no Brasil, que Iemanjá exerce tal função e, portanto, o aspecto negativo de Iemanjá, como Anima, parece preponderar sobre o positivo (ibid., pp. 314 e 316)

Clodovis Boff, baseando-se no livro de Iwashita, também acredita que Iemanjá é uma representante sombria do feminino, ao afirmar:

Uma Iemanjá “marianizada” constituiria uma grandeza moral mais elevada. A figura de Maria obrigaria Iemanjá a mudar e a evoluir, tanto do ponto de vista analítico-psicológico, quando religioso. A luz de Maria penetra nas sombras de Iemanjá. Esta perde em grande parte o seu caráter mítico e cultural de mulher sensual e fascinante, para tornar-se, em contato com Maria, ‘a grande purificadora das paixões terrestres’. Portanto, o ícone de Mana exerce sobre o de Iemanjá um efeito de fermentação ética e espiritual (1995, p.63)

Afirmações como estas podem incentivar pré-conceitos e vieses de interpretação, quanto ao motivo que levam as pessoas a serem devotos de Iemanjá. Mesmo porque, Iemanjá não necessita ser “purificada”, mas compreendida como ela é, com valores próprios, advindo de suas raízes africanas e amalgamados com os valores culturais deste país. Acreditamos que ela é um novo símbolo religioso e, portanto, numinoso, que comporta em si valores anímicos “negligenciados” pela cultura e religião patriarcal. E justamente este “algo novo” que a Rainha do Mar representa que a torna “quase” uma Santa para os católicos que nela acreditam.

A pesquisa de campo, ao contrário das afirmações acima, aponta que tanto o arquétipo da Grande Mãe, quanto o de Anima, em Iemanjá, têm seus aspectos positivos preponderados substancialmente sobre os aspectos negativos destes arquétipos. Palavras e expressões como:

poderosa/com poder/forte/força, Santa/Rainha/Deusa/Senhora dos Mares, protetora, espírito de luz, bonita/muito bonita/linda/muito bela, sereia, mulher, angelical, uma delícia de pessoa e jovem, parecem amplamente nas respostas masculinas, entre tantas outras.

Diante dos dados coletados, salvo melhor juízo, não é possível nos dias atuais, da pós-modernidade, interpretar os aspectos anímicos representados por Iemanjá como sendo preponderantemente negativos. Iemanjá, lembrada por aqueles que a cultuam como a rainha, a deusa, a santa e ainda como sereia do mar traz, na verdade, uma característica marcante da ambivalência do arquétipo da Anima. Tanto a Anima positiva quanto a negativa igualmente impelem o homem ao empenho, à mudança e ao desenvolvimento. Pois, a Anima negativa, apesar de todo o perigo que se encerra em torno dela, devido à sua capacidade de contaminar a consciência masculina, pode proporcionar ao homem a chance de dar uma reviravolta neste aspecto, tornando-o positivo. Quando isso acontece, a Anima torna-se capaz de enfrentar o lado aprisionador da Grande Mãe e sua presença na psique ganha ares criativos, além de inspirar e impulsionar o homem para as mais altas experiências místicas, espirituais e de cunho integrativo para o caminho de sua alma (Iwashita, 1991, p.238).

Lembremos que são justamente as polaridades que mantêm o dinamismo e o movimento do interior do arquétipo e que costumam manifestar-se em sonhos e nas projeções gerais. São através delas e de suas ricas imagens que se desvenda a vida interior de um homem, o relacionamento que ele tem consigo mesmo e com tudo aquilo que está além dele.

Hillman, em seu livro *Uma Busca Interior em Psicologia e Religião*, descreve pelo menos dez tipos de imagens conhecidas do feminino anímico, cada uma delas representando um aspecto da Anima. No entanto, para o nosso entendimento neste contexto, destacamos a décima descrição, que é perfeitamente adequada ao objeto de nossa discussão:

Outra figura que surge com bastante frequência, é a moça jovem e atraente, às vezes nua, quase sempre dançando ou nadando, quer dizer, associada a elementos como cor, música, corpo e água. O cabelo é um traço marcante (...). Ela pode utilizar-se de provocação agressiva ou simplesmente exercer um fascínio tranquilo. Porém, consegue mobilizar a libido e sua aparição sempre se constitui um apelo. Essa moça conhece os segredos do jogo e traz vínculos pagãos ou ateus como outras religiões ou sistemas morais. (...). Ela pode estar associada a animais, ou a sua figura ser meio animal. Quase sempre essa figura tem um pai interessante (...). Ela se associa com a vida de animais e com a água, ou seja, com os instintos, com o fluxo das emoções, de tudo que é líquido, com ritmos, com a natureza e o próprio prazer físico. Seu fascínio e atração irresistíveis indicam a importância desse elemento para a nossa plenitude física, pois do mesmo modo que ser perseguido em sonho significa que se anda a fugir de algo, ser atraído também significa que esse aspecto da psique necessita mais atenção. (Hillman, 1984, pp. 107-108)

Esta imagem acima revelada é o que Jung denomina como sendo a figura típica de Anima, perfeitamente compatível com a descrição de Iemanjá, filha do Deus Obatalá (o céu), segundo Unterste; ou filha de Olokum (o oceano), segundo Verger e a grande maioria dos autores. A Deusa do Mar encerra todos os valores acima revelados, já que ao mesmo tempo ela pode ser uma perigosa e bela feiticeira jovem, uma sereia³ que vive nas águas cintilantes e profundas do oceano e que com seus encantos sedutores e hipnóticos arrastam as suas vítimas para o fundo do mar, como também ela é aquela que porta na mão um espelho, que auxilia o homem a ver a entrar em contato com a sua sombra e com a sua própria alma, ou seja, com o seu interior. Neste sentido, o aparecimento da sereia Iemanjá das águas profundas representaria a emersão de um conteúdo do inconsciente à superfície, que poderia ser integrada à consciência, ou seja, ao ego.

O pai importante, que aparece por trás dessa figura de Anima exemplificada por Hillman, nos revela que o homem que a “escutar” pode chegar à sua própria condição masculina. Em outras palavras:

O caminho para o masculino mais amplo, forte e firme se dá através da associação íntima com nossa feminilidade interior. Ninguém pode se esquivar a essa confrontação evitando a Anima, pois isso apenas a tomará mais desordenada, sedutora e exigente. (Hillman, 1984, p.108)

Sem nos esquecermos do princípio da água como símbolo que caracteriza a essência dos arquétipos da Grande Mãe e da Anima, também temos, respectivamente, o vaso, símbolo do receptáculo do corpo feminino, e a lua, onde, analogamente, as fases lunares são associadas as do ciclo feminino. A Iemanjá sereia e sedutora está associada à lua, que é reconhecida como símbolo de transformação e de mutação, assim como a mulher, que tudo transforma e que promove a renovação e o renascimento (Iwashita, 1991).

Embora concordemos com Iwashita, que o EU (ego) não deva se deixar levar nem pelo recalque, nem pela fascinação dos conteúdos fantásticos do inconsciente, e que deva haver um empenho moral para diferenciação entre o conteúdo projetado e a realidade da pessoa, no caso da projeção da Anima, da mulher sobre a qual a projeção está se realizando não podemos considerar este aspecto sedutor de Iemanjá como sendo apenas negativo. Hillman (1984) afirma que quando o inconsciente é negligenciado, o mundo interior se vale da sedução para captar a atenção do ego e os movimentos atraentes da sedutora captam a energia sexual do homem.

Segundo Neumann (2000), há toda uma ideologia do patriarcado que fundamentalmente concebe o Feminino como “Feminino negativo”, o que significa que o inconsciente, o instinto, o sexo e a terra — enquanto “coisas deste mundo” pertencem ao “feminino negativo”. Esta atitude defensiva de desvalorização, no entanto, deve ser entendida como uma tentativa de superação do medo do Feminino e de seu aspecto perigoso, como a Grande Mãe e como a Anima, inclusive, do caráter transformador desta última. Para o masculino “superior”, ela se torna a feiticeira, a sedutora, a sereia, a bruxa e é rejeitada em virtude do medo associado ao Feminino irracional.

³ Sereias e ninfas são consideradas como figuras de Anima, seres místicos e muito populares. São temas de numerosos contos, lendas e canções folclóricas de todo mundo.

Este mesmo tipo pode negar e cindir a mulher “terrena” a fim de ser estimulado por figuras de *femme inspiratrice*. Em ambos os casos, a ideologia patriarcal está baseada em se manter a alma inconsciente, e em um conflito no qual o Feminino e a mulher são experienciados não como uma unidade, mas como dois polos opostos. Desta maneira, a mulher e o Feminino aparecem quer como uma força negativa, que puxa para baixo, como mulher-pântano, ou duende da água, quer como uma força positiva, que ergue, como anjo ou deusa. (Neumann, 2000, p. 253)

Iemanjá, reverenciada pelos indivíduos masculinos sujeitos de nossa pesquisa, representa um símbolo religioso cultural contemporâneo amalgamado pelos valores culturais deste país, além de ser um símbolo religioso que expressa “verdades eternas”, ainda em uso nas várias religiões. E também uma *représentation collective* de nossa sociedade, que sofreu várias transformações e alguns processos de aprimoramento mais ou menos conscientes, tornando-se, assim, imagens coletivas aceitas pelas sociedades ditas civilizadas. Portanto, podemos concluir que Iemanjá, como imagem da alma sedutora, é necessária para a vivência simbólica masculina, pois o ajuda com “a mulher no seu interior”, transmitindo-lhe as mensagens vitais do Self (von Franz, 1985).

Lembremos que a ideia central contida na palavra símbolo é a união de algo conhecido com algo que vem de fora, do estrangeiro, algo que é desconhecido e inconsciente. Entretanto, o símbolo sempre nos reporta a uma realidade além daquela expressa na imagem e nem sempre há um consenso quanto à sua compreensão. Não há uma explicação no plano lógico sobre o que leva um fenômeno ou um objeto a se tornar símbolo, mas sabemos que há, neste caso, a presença de uma emoção que nos torna sensíveis a ele. Como fenômeno pulsante, vivo e cheio de significado, o símbolo sempre aparece associado a algum tipo de emoção; lembrando aqui que emoção significa um movimento para fora, para o exterior. Valle afirma:

A psicologia terapêutica, aproximando-se da antropologia cultural, começou a entender que os rituais, as imagens e os mitos, vigorosamente plastificados em símbolos e narrativas, pertencem à substância do viver e do sofrer humano. Podemos tentar escondê-los, mutilá-los e desvalorizá-los, mas não nos é possível alijá-los de todo da nossa vida mental e cultural. Quando tentamos expulsá-los, eles tendem a retornar com exigências frenéticas, como o evidenciam tantos movimentos e misticismos contemporâneos.

(...). Os símbolos respondem à necessidade de desvelar as mais secretas e profundas experiências do ser humano (1998, p. 116).

Por isso, entendemos que a Iemanjá erotizada não é apenas uma representante da Anima Negativa, que impede a caminhada do homem rumo ao processo de individuação, mas é, sobretudo, um meio condutor importante para a realização de tal meta, porque resgata valores do feminino muito pouco analisados ao longo da história cristã, como o corpo, a sexualidade, a intuição e o sentimento. Iemanjá, como guia para o mundo interior, tem a função positiva de fazer o homem levar a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias enviadas por sua Anima. E somente a decisão essencialmente simples, mas difícil, de levar a sério os nossos sentimentos e fantasias pode, neste estágio, evitar a estagnação do processo de individuação masculina (von Franz, 1985).

Iemanjá para a psique feminina

Este é um fenômeno que deve analisado apuradamente para não se cair nos vieses e nas polarizações relativamente comuns quando tratamos de sincretizações religiosas e culturais. O Brasil é um país eminentemente católico e os católicos que aqui vivem, assim como aqueles que participaram de nossa pesquisa gozam de maior liberdade e praticam um catolicismo muito peculiar, que abraça sem grandes problemas de consciência todas as formas de religião. Trata-se de um catolicismo popular que acolhe, com maior liberdade, toda forma de religião, principalmente as experiências afro-brasileiras que convivem conjuntamente ou paralelamente desde a época da escravidão. Em nossa sociedade moderna e pluralista, o sincretismo mostrou ser um processo livre, espontâneo e orgânico, no qual as instituições religiosas não possuem, como gostariam, o controle social dos respectivos símbolos e dogmas (Boff, 1995).

Dentro desta religiosidade popular, alguns símbolos começam a se constelar, reproduzindo a necessidade psíquica de encontrar novas conexões religiosas, que perderam sua força ao longo do tempo.

Se o homem necessita entrar em contato com sua Anima de maneira mais positiva, objetivando trabalhar sua personalidade de uma forma mais coesa e integrada, o amadurecimento psicológico da mulher passa pelo mesmo processo, evidentemente, dentro daquilo que é pertinente ao universo feminino.⁴

Segundo Neumann (2000), o medo da mulher como o seu próprio Feminino está na fase de transição entre o período Matriarcal para o Patriarcal. Diferentemente do que ocorre com o homem,

⁴No nosso caso, abordaremos especificamente a sombra do feminino, apenas através da concepção religiosa.

a mulher está mais próxima do arquétipo da mãe, tornando a separação com a fase matriarcal mais difícil. A mulher corre o risco de uma fixação primária, o que não é considerada uma fixação patológica, mas que dificulta, sobremaneira, a progressão rumo ao patriarcado. Este matriarcado aprisionador é chamado de bruxa maternal. É necessário derrotá-la para que ocorra a identificação parcial da mulher com o seu lado masculino, o “Animus”, que deve ser desenvolvido.

Portanto, é papel difícil, mas essencial da mulher em nossa cultura, o desenvolvimento dos seus aspectos masculinos e patriarcais, sem, contudo, desistir do seu ser feminino. Inequivocamente é atribuído valor negativo ao Feminino no patriarcado, deixando a mulher insegura quanto à própria feminilidade. A mãe negativa, ou o maternal bruxa, aparece, então, para a filha mulher como uma bruxa patriarcal que supervaloriza o Masculino e o filho, mas subvaloriza o Feminino e a filha, colocando em risco o desenvolvimento desta mulher. Segundo Neumann:

Nesta situação, a mulher muitas vezes não vê outra escolha a não ser livrar-se de sua feminilidade e transformar-se em um ser quase masculino. O perigo é especialmente grande quando, como na cultura patriarcal ocidental, está ausente a figura do Feminino arquetípico como divindade e encarnação do Self feminino. (2000, p. 259)

Não temos essa ausência absoluta da divindade feminina na Igreja Católica; ao contrário, o catolicismo está impregnado por cultos marianos. Muito menos nas religiões afro-brasileiras, nas quais a presença do feminino é bastante significativa. Mas, o que é preciso ser revisto é como o feminino é inserido no contexto da religiosidade, principalmente dentro do catolicismo e de que forma a divindade feminina é legitimada.

Se por um lado a Assunção de Maria mudou o papel do feminino dentro do catolicismo, elevando-a a uma categoria de Rainha do Céu e *Mediatrix*, e colocando a relação matéria e espírito em diálogo novamente, por outro lado é questionável a sua função no que se refere à integração psíquica. Pois, a totalidade do feminino está na confrontação e assimilação das polaridades negativas e positivas das dimensões elementar e mutacional. Para cumprir tal função, seria necessário que Maria possuísse os aspectos sombrios ou negativos do arquétipo do feminino, mas a ela foi delegada apenas a mãe bondosa, providente e consoladora.

O feminino foi dissociado e o lado ctônico da feminilidade, a emocionalidade extática, a sexualidade feminina e até o aspecto destrutivo da Grande Mãe foram rejeitados e recalçados pela cultura cristã. Somente a boa mãe virginal encontrou acolhida no pensamento cristão. (Iwashita, 1991) Esta é uma crítica de Jung à unilateralidade da imagem feminina na Igreja Católica, onde o terrestre, o escuro, a insondabilidade do corpo humano com seus instintos e paixões e as matérias são delegadas às pecadoras mulheres reais ou transferidas para a figura de Eva, considerada também um arquétipo da “mãe de todos os vivos” e um dos aspectos do grande Arquétipo Feminino.

Quando isso acontece a mulher concreta não tem a possibilidade de viver o arquétipo, como deveria, em sua plenitude e nas suas polaridades positivas e negativas, porque...

Historicamente, enquanto os aspectos negativos de Eva foram projetados sobre as mulheres reais, as boas qualidades de Maria, por sua vez, lhes foram propostas como modelo, de modo que a virgindade de Mana, por exemplo, concluiu-se falsamente a desvalorização da sexualidade, a da mulher em particular, e a valorização unilateral do estado de vida virginal. O equívoco psicológico desse desenvolvimento consiste em que as mulheres, como seres histórico-transitórios, deviam viver o eterno arquétipo da virginal Grande-Mãe. O desenvolvimento psíquico feminino ficou, por isso, numa longa inconsciência acompanhado de reduzido desenvolvimento do Eu. O fato de as mulheres da Igreja católica se terem submetido por séculos aos modelos “Eva” e “Maria” pode ter relação com a sua fraca formação do Eu. (hvashta, 19991, p.295)

Tal modelo levou o ego da mulher moderna a experimentar um medo profundo do Feminino como medo dela própria e como medo da incompreensível numinosidade da natureza feminina, o que dificulta que o arquétipo seja confrontado e integrado em sua totalidade ambivalente durante o seu processo de individuação.

Ninguém pode rejeitar essas coisas numinosas por motivo puramente racionais. São partes importantes de nossa estrutura mental e não podem ser erradicadas sem uma grande perda, pois participam como fatores vitais na construção da sociedade humana, e isto desde tempos imemoriais. Quando são reprimidas ou desprezadas, sua energia específica desaparece no inconsciente, com conseqüências imprevisíveis. A energia aparentemente perdida revive e intensifica o que sempre está por cima no inconsciente, isto é, tendências que até então não tiveram oportunidade de manifestar-se ou não puderam ter uma existência desinibida na consciência, constituindo assim uma sombra sempre destrutiva. Mesmo as tendências que poderiam exercer uma influência altamente benéfica transformam-se em verdadeiros demônios quando são reprimidas. (Jung, 2000, pp. 253-254)

O aspecto luminoso de Maria, plena de graça e glorificada, um ideal a ser alcançado, acaba distanciando-a, em parte, da mulher real, que se sente muito aquém de cumprir o papel ou a expectativa a ele condicionado, como um ideal a ser alcançado.

Eis o papel importante de Iemanjá neste contexto. Como mãe-natureza, mais próxima dos valores terrenos, mito vivo e atual, cabe-lhe o papel de ajudar suas “filhas” a integrar os aspectos negligenciados pela Igreja Católica e que receberam uma conotação negativa ao serem simplesmente sublimados. Ora, sobre Iemanjá pode ser projetado não só o aspecto mãe, mas também a mulher sensual, que carrega aspectos de sensualidade e de amor erótico, além da mulher guerreira, forte e poderosa. O culto a Iemanjá ajuda a evitar o recalque ou o esquecimento do polo excluído do arquétipo, impedindo-o de cair nos redutos do inconsciente, onde passa a agir negativamente, pois o recalcado volta na forma de hostilidade contra a mulher e a sexualidade.

Nossa pesquisa aponta que Iemanjá é inspiração e modelo para que a mulher moderna não delegue ao inconsciente valores que lhe são importantes para a integração psíquica. Ela aparece como exemplo de um feminino forte, atualizado e acolhedor. Palavras e expressões como: santa/rainha do mar, Deusa, acolhimento, bondade e proteção, mas também, mulher guerreira e batalhadora, com força e poder, mulher realizadora e altiva ou ainda, figura, tranquila, doce, bonita e feminina, aparecem amplamente nas questões abertas.

Isso nos aponta que, o culto a Iemanjá pode permitir que a mulher concreta vivencie de forma positiva aquilo que lhe foi inculcado como sendo negativo, portanto, algo a ser sublimado. Para que alcancemos o aspecto Sofia do arquétipo do Feminino, para nos tornarmos a velha sábia, é necessário a experiência da plenitude de vida. Se Iemanjá, além de incorporar o arquétipo da Grande Mãe em sua polaridade incorpora também o aspecto Eva e Helena do Feminino anímico, podemos supor que ela representa igualmente os dois polos que todo arquétipo tem que possuir. Dizer que Iemanjá, em seu aspecto Anima, carrega só a polaridade negativa, além de ser redutivo, nega a possibilidade de existência de uma outra polaridade do arquétipo, tantas vezes aqui relatadas, como importante e imprescindível quando falamos desse conceito.

A pesquisa de campo reforça o aspecto de que Iemanjá é importante por comportar justamente tais projeções, ocupando um lugar que estava vazio e sem representante no panteão das santas católicas.

E por que Iemanjá estaria ocupando esse lugar? Zachanas nos aponta um dos motivos, ao escrever...

... não podemos apresentar Iemanjá como o elemento polar negativo da grande mãe, em que a Virgem Maria se configura como o positivo. Iemanjá não pode ser a expressão sombria da grande mãe, pois sendo um Orixá, sintetiza em sua natureza as duas polaridades, luminosa e sombria. A Virgem Maria não pode, do ponto de vista teológico, apresentar esta síntese, pois o atributo de *summum bonum* atribuído a Deus é extensivo a ela, não sendo possível aparecer em sua simbologia elementos sombrios. (1998, p. 191)

Esta afirmação de Zachanas encontra respaldo nos resultados das perguntas abertas coletados na pesquisa de campo, nos quais há uma projeção dos devotos ou admiradores da figura de Iemanjá, que vai além do seu aspecto materno. Na verdade, elementos de sua sexualidade, beleza, erotismo e de poder realizador ativo se destacam, pois, Iemanjá, além de santa, é mulher guerreira. Estes aspectos estão presentes no imaginário de seus fiéis, mesmo que sua imagem externa esteja em mutação. A Imagem desta Deusa do Mar é multifacetada e falar de sua sincretização com as santas marianas do catolicismo, justapondo apenas o seu lado materno acolhedor e protetor, reflexo do aspecto positivo do arquétipo da Grande Mãe, e por isso mesmo inatingível, seria, salvo melhor juízo, um pensamento redutivo. O que Iemanjá traz e simboliza de novo para este panteão de santas é justamente os aspectos negados, reprimidos pela moral cristã, e que compõem o outro lado deste arquétipo, mas que estão mais do que nunca presentes no inconsciente do homem e da mulher pós-modernos. Lembremos que os símbolos não são criações irresponsáveis e gratuitas da psique, com bem o demonstra Jung (Valle, 1998). Na verdade, eles respondem à necessidade de desvendar as mais secretas e profundas

experiências e necessidades do ser humano. Iemanjá possibilita este resgate da necessidade e da natureza humana, pois, conforme tão claramente descreve:

a períodos e situações de repressão sucedem-se, de costume, fases em que as erupções do simbólico parecem querer provar ao homem a existência e pujança de um mundo mais profundo, inconsciente, mas densamente humano, logo, portador de sentido. (Valle, 1998, p. 116)

Muito provavelmente, é esta “nova informação” que a imagem de Iemanjá permite aos seus fiéis e seus admiradores projetar e que faz dela um orixá tão popular, quase santificado.

É interessante notar que, mesmo dentro do processo de sincretização que vem sofrendo, algumas características de Iemanjá são preservadas. Segundo Ricardo Freitas, estudioso das tradições religiosas africanas iorubás, ele acredita na possibilidade de a Rainha do Mar se tornar para os católicos uma santa, e acrescenta:

Uma santa nova...Isto porque sua representação vai mudando...tem-se esta representação dada pela escultura de uma mulher insinuante e sedutora, ou pela imagem de santa, como disse. Sua representação certamente foi se transformando ao longo dos tempos. Hoje ela possui uma imagem em que é “meio santa”, “meio-insinuante”,... foi se embranquecendo através da relação com as representações de Nossa Senhora. Sua imagem foi se mesclando, seu formato modificando,...sua posição,...sua postura... Vê-se Iemanjá em cima das águas, com uma coroa de característica européia, não contendo búzios ou contas na frente, como ocorre com a coroa iorubá, de nome *ade*. (...) Iemanjá perdeu. Perde seu *ade*, ao passo que ganhou um coroa. De suas mãos saem pérolas, mãos que estão em posição de bênção, tal qual as presentes nas imagens de santos (...) chegando até mesmo a ser coberta por mantos (...). Porém, foi lançado recentemente na indústria estatutuária, através de uma fábrica, que chama Casas Bahia, *uma nova representação de Iemanjá. Reformulada há pouco. Interessante de se saber é que a antiga estátua era mais gordinha, não deixando, no entanto, de ser insinuante, com sua roupa colada ao corpo. Agora ela continua com esta mesma roupa, mas seu corpo mudou. Fez uma “lipo” e está perfeita se relacionada ao modelo de mulher da atualidade. Sem mantos e com mais cintura.* (24/11/04) (O grifo é meu)

Tais argumentos, aliados aos resultados apurados pela nossa pesquisa, apontam que Iemanjá habita o imaginário tanto do homem quanto da mulher por outros motivos, além de ser apenas o objeto de fé, que reside na mística da virgindade, da imaculabilidade ou da pureza intocada. Iemanjá traz em si características de um Orixá, mesmo sendo sincretizada com as Nossas Senhoras do catolicismo popular. O que muda, neste contexto, é que ela não se torna Imaculada Iemanjá, mas a bem vivida e bem-amada Iemanjá, Senhora dos Mares, a “quase” santa para os católicos de devoção popular. Lembremos que a Rainha do mar é uma divindade, mas também uma mulher. Iemanjá é antes de tudo uma divindade feminina iorubá e, com tal, segundo os mitos desta tradição, viveu intensamente, teve mandos, teve vários amantes, teve filhos e cometeu incesto. Tudo aquilo que representa o ser humano, detendo além, e não aquém de tudo isso, um caráter transcendente.

Iemanjá é luz, é caminho, é iluminação interior. Evidentemente que os aspectos não elaborados do arquétipo não desaparecem, mas um contrapeso com os aspectos, agora reconhecidamente positivos, vêm se estabelecer com uma polaridade plena de dinamismo e de fonte de inspiração. Tudo parece indicar que estamos assistindo ao surgimento de um dos aspectos dos arquétipos mais decisivos do inconsciente coletivo da humanidade, o arquétipo da Anima em suas múltiplas manifestações e na sua realização quaternária. E no caso de Iemanjá não é apenas negativo, ao contrário, traz luz a aspectos positivos, sombriamente negados do feminino e relegado à marginalidade. Neste momento, o feminino arquetípico é experienciado não como uma ilusão, antes como realidade inimaginável e como vida na qual o acima e o abaixo, o espiritual e o físico não estão competindo um com o outro (Neumann, 2000). Porque, para que haja um caminho para a individuação, são necessárias a integração e a reconciliação mútuas, condição fundamental é que o arquétipo seja vivido na sua totalidade, o que leva à confrontação com a sombra, ou seja, com os aspectos negados e não assimilados, cuja expressão convivem, nos tempos pós-modernos, no culto a Iemanjá.

Não estamos esquecendo, entretanto, que Iemanjá, ao lado de outras santas, também é conhecida como uma Grande Mãe, que acolhe, protege, proporciona milagres e intervém a favor de seus “filhos”. Este, no nosso entender, é um dos motivos que está fazendo com que ela seja incorporada no panteão dos santos católicos. Porém, não é o único motivo. O segundo e mais importante, de acordo com as constatações dos dados colhidos em nova pesquisa, seja através dos questionários, dos depoimentos e da entrevista com o Sacerdote Ricardo Freiras, está justamente no “algo novo” ou inovador que ela traz para este lugar. Iemanjá é Santa, é mãe, mas é também mulher. Mãe e mulher forte, poderosa e bonita, que ajuda seus filhos e devotos a reencontrarem a sua religiosidade e a conexão com seu Self, dentro dos padrões, desta vez, da era da pós-modernidade.

Concluindo...

Se não existiu, anteriormente, na história do mito de Iemanjá, heróis que pudessem vencer as artimanhas da Grande Mãe devoradora, na era da pós-modernidade, onde conceitos e valores estão sendo resinificados, há espaços para que esses heróis e essas heroínas lutem e não morram nos braços mortais da Deusa Iemanjá. A recompensa de suas vitórias está no poder de usufruir um outro patamar do Grande Feminino, que é o arquétipo da Anima na sua concepção mais completa e integrativa. Whitmont, em seu livro *O Retomo da Deusa*, chama a atenção para a reemergência dos “valores do ego” feminino e propõe que a tradição heroica, baseada em pressão, vontade, razão, honra e o mito da objetividade, seja substituída pela tradição da Deusa, que valoriza a interioridade, o sentimento, a aceitação, o paradoxo, a incerteza e o viver o momento. Além de trazer à consciência um novo estilo do Feminino, que é ao mesmo tempo poderoso e alimentador, ativo e receptivo, relacionado e autônomo, Whitmont insiste em reverenciar as diferenças arquetípicas entre o Masculino e o Feminino, defendendo a liberação do Feminino, que é diferente e muito maior do que simplesmente a liberação das mulheres. Ou seja, o Feminino posto ao lado do Masculino trará uma outra harmonia e equilíbrio tanto para os homens, quanto para as mulheres e, portanto, para a sociedade em geral (Whitmont, 1991, *apud* Reis).

Campbell, em seus livros *O Poder do Mito* e *Herói de Mil Faces*, esclarece que os mitos são eternos e se repetem nas civilizações desde os tempos primordiais das civilizações humanas. No entanto, a roupagem que estes mitos recebem é caracterizada pelas épocas que são vividos, revestidos de potenciais espirituais da vida humana, com aquilo que somos capazes de conhecer, reconhecer e experimentar interiormente (Campbell, 1990, p.6). O mito atual de Iemanjá, contemporâneo, amalgamado pelos valores culturais deste país, além de ser um símbolo religioso que expressa “verdades eternas”, é, também, fruto de aprimoramentos e transformações da sociedade atual.

Portanto, Iemanjá e seu culto não são simplesmente assimilados por Maria ou por Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A Rainha do Mar, a mãe mais próxima dos valores humanos, o mito vivo e presente na cultura, tem valores próprios e importantes a serem incorporados, absorvidos e fundidos no panteão católico. Ela não é uma Iemanjá “marianizada” apenas, ela é uma Iemanjá bem vivida, santificada e consagrada por aqueles que nela acreditam porque a Soberana do Mar agrega novos símbolos religiosos importantes e numinosos na busca do caminho e da meta para a individuação.

Iemanjá, como figura de Anima positiva, pode canalizar e transformar esta energia reprimida em energia criativa, desta vez, integrada à consciência do ego e a serviço da totalidade psíquica do Self. Pois, “a totalidade inata, mas escondida da psique, não é a mesma coisa que uma totalidade plenamente realizada e vivida” (von Franz, 1985, p. 162). É importante salientar que nem tudo que é delegado à sombra é negativo, mas potenciais positivos humanos não reconhecidos pela consciência ou pela coletividade também se encontram neste lugar, esperando serem resgatados, a bem do processo de individuação dos seres humanos.

Isto posto, se a meta humana, do ponto de vista psicológico, é estar sempre na busca da individuação em seu mais alto grau de evolução, mesmo que em nossa constante perseguição a esta meta nos leve a este contato, é com a Anima “mais terrena”, mais próxima dos valores mundanos, que

teremos que lidar no nosso cotidiano e em primeiro lugar. Mesmo porque, a individuação ou a totalidade psíquica são metas, ideias que não existem para serem atingidas, mas para serem perseguidas. A individuação, portanto, é um processo, uma constante construção durante o caminho a ser percorrido ao longo de nossa vida.

A retomada psicológica da simbologia e da vivência religiosa nos dias atuais está nos obrigando a retornar e retomar os valores projetados na figura de Iemanjá. Vivenciá-los de maneira correta e positiva, como uma parte importante a ser integrada dentro de nós nos ajuda a entronizar o Eros ao lado do Logos, na busca de uma nova religiosidade, enriquecida, desta vez, também com os valores do feminino. O resgate do sentimento, na sua mais ampla e aplicável contextualização, inclusive religiosa, pode ser a chave que procuramos para abrir as portas do novo milênio.

Referências Bibliográficas

BOFF, Clodovis. *Maria na cultura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *O Sagrado e o Profano - a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Livros do Brasil-Lisboa, s.d.. (Col. Vida e Cultura).

_____. *Tratado de História das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

IWASHITA, Pedro. *Maria e Iemanjá - análise de um sincretismo*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Col. Pesquisa e Projeto).

JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *A vida simbólica*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Psicologia do inconsciente*. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

JUNG, CARL G. *A Dinâmica do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl G. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

_____. *Memória, Sonhos e Reflexões*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

_____. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1980.

HILLMAN, James. *Uma busca interior em psicologia e religião*. Trad. Araceli Martins Elman. São Paulo: Paulinas, 1984.

NEUMANN, Erich. *O medo do feminino*, São Paulo: Paulus, 2000.

- _____. *A grande mãe*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- REIS, Marfiza Terezinha Ramalho: *Casamento: encontros e desencontros em busca da individuação*, 1999, 134p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC-RJ.
- VALLADO, Armando. *Iemanjá: a grande mãe africana do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- VON FRANZ, Marie-Louise. “O processo de individuação”. In: JUNG, Carl. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- WPIITMONT, Edward C. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.
- _____. *A busca do símbolo*. 11ª. ed., São Paulo: Cultrix, 1992.
- ZACHARIAS, J. J. de Moraes. *Ori Axé: a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: VETOR, 1998.